

Sarney, coronéis e caciques políticos

Encastelada no poder desde 1964, essa estranha aliança entre militares e tecnocratas é dura na queda. Se alguém pensa que eles se entregarão sem luta, certamente está muito enganado. Os homens que mandam no país estão hoje fortalecidos pela reforma partidária, que causou a irremediável divisão das oposições brasileiras, e guardam preciosas cartas na manga.

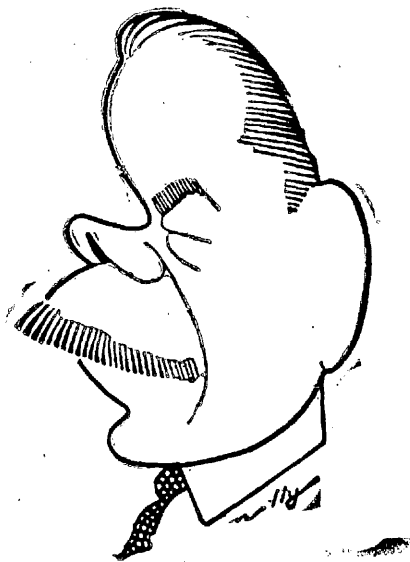
Entre outros golpes políticos já em andamento, convém destacar a pretendida adoção do voto distrital, que durante décadas foi inutilmente tentada por Gustavo Capanema. Agora, o patrocinador da idéia é o senador José Sarney, presidente do PDS, autor de projeto com tal objetivo.

Na verdade, não há um só argumento, uma escassa justificativa, por remota que seja, capaz de justificar a introdução desse sistema eleitoral em nosso País. Aliás, a insistência em voltar a esse assunto demonstra apenas o eterno provincialismo brasileiro de imitar as soluções alheias. E no momento atual, como todos sabem, a moda é seguir ao pé da letra os ensinamentos da famosa democracia social alemã. Portanto, o exemplo a ser obedecido é o sistema misto dos nossos parceiros nucleares.

Mas a quem interessa essa modificação eleitoral, com a divisão dos Estados em distritos? Evidentemente, só favorece aos detentores do poder. Não passa de uma forma ardisiosa e sutil de reviver o caciquismo político, do qual estamos conseguindo nos livrar, num processo longo e trabalhoso.

Dizer que o voto distrital facilita consideravelmente a campanha dos candidatos pobres, sem qualquer dúvida, é apenas uma piada de péssimo gosto. Quanto menor a área em que se travar a eleição, maior a possibilidade de predomínio do poder econômico. Isso é o óbvio, convenhamos.

P. S. — É impressionante o trabalho de Cidinha Campos, conquistando cada vez mais audiência em seu programa radiofônico. Durante todo o período em que esteve na Rádio Nacional, emissora do Governo, Cidinha nunca se curvou à influência política. Fazia críticas contundentes e permitia que os demais integrantes do programa também o fizessem. Agora, na Rádio Tupi, Cidinha continua com o mesmo pique. O famoso povão a adora, e sua influência na vida da cidade é um fato consumado. Se houver eleições municipais este ano, Cidinha poderá ser das mais votadas. Mas certamente ela não pretende se candidatar, pois ganha hoje cinco vezes mais do que qualquer vereador. E, para servir ao povo, Cidinha não precisa de mandato. Basta falar no rádio.



O que está assustando aos detentores do poder é o irresistível crescimento da massa oposicionista nas grandes cidades. Assim, o voto distrital seria a fórmula genial de consagrar os candidatos de bairros, sem maiores vinculações ideológicas e representando apenas os interesses específicos das áreas em que residem. Sem dúvida, é uma maneira extremamente hábil de descer o nível no debate político, que então deixaria de ser travado em termos gerais, para cair no interesse particular de cada distrito eleitoral.

Outra carta na manga dos estrategistas do Planalto é a extensão do direito de voto aos analfabetos. Ao lado do sistema distrital, então fortaleceríamos integralmente o caciquismo, com o voto de cabresto comendo solto no interior do País. O senador José Sarney, que conseguiu liquidar o feudalismo político de Vitorino Freire no Maranhão, precisa pensar duas vezes antes de servir de testa-de-ferro à adoção do voto por distrito. Hoje, o ilustre parlamentar parece ter entrado em fase de retrocesso. Do jeito que está indo, Sarney vai acabar se tornando mais um coronel na política. Por merecimento, e não por antiguidade.

CARLOS NEWTON